

# TEXTOS INDIGENISTAS



**CURT NIMUENDAJÚ**

INTRODUÇÃO

Carlos de Araújo Moreira Neto  
PREFÁCIO e COORDENAÇÃO:  
Paulo Suess

## CARTA SOBRE A EXPEDIÇÃO ARMADA CONTRA OS ÍNDIOS PARAKANÃ (1945)

“Caro Sr. Schultz.

...E agora deixe-me, por favor contar ainda como terminou minha história com a “Fundação Brasil Central”. A F.B.C. tinha tomado a seu cargo a direção da Estrada de Ferro do Tocantins, que começa em Alcobaça, e em cuja linha os índios Parakanã seguidamente faziam assaltos. O novo diretor, que ao mesmo tempo exercia a função de delegado regional de Polícia, era o engenheiro sul-riograndense Carlos Teles. Em princípios de outubro, o interventor Barata visitou Alcobaça com fins de propaganda política. Nessa ocasião pronunciou Teles um discurso em que, dirigindo-se diretamente ao pessoal reunido da E. F., dava-lhe ordens para que prestassem atenção máxima às suas palavras: *“De hoje em diante, quando avistassem índios na estrada de ferro, ninguém mais deveria pesquisar se estes vinham com intenções pacíficas ou não, mas abrir fogo contra eles, e não deveriam atirar para o ar e nem para o chão, mas fazer pontaria certa! Ele, Teles, ficaria como responsável por todas as consequências”*... *“Ou se acaba com os índios ou estes acabam com a civilização!”* — foram as últimas palavras de sua alocução desvairada, mas que foi, infelizmente, aplaudida

com entusiasmo por todos os presentes, inclusive pelo senhor coronel Barata. Quatorze dias mais tarde, Teles reuniu uns 30 homens, armou-os com fuzis-metralhadora, bombas de gas e granada de mão, e partiu contra os Paracaná, que, entretanto, durante meses não tinham sido vistos na estrada e a respeito dos quais eu tinha elaborado um plano para sua pacificação, de comum acordo com o Sr. João Alberto, e para cuja execução contava com a colaboração do inspetor de índios no Pará — senhor Malcher. A “direção técnica” da incursão confiou Teles a um “Pá-torta”, célebre bacerdido a quem eram imputados horrendos crimes, de ter arreventado a cabeça de varias crianças indigenas de encontro a troncos de arvores, durante o massacre de 1930, que o então diretor da estrada de ferro mandara executar contra os Paracaná. A expedição esteve durante 7 (sete) dias no mato, e não encontrou índios, mas incendiou todos os ranchos que encontrou abandonados e destruiu todo o seu conteudo, menos uma panela de bar, que trouxe como troféu de gloria! Poucos dias antes do meu embarque, chamou-me o inspetor de índios à Inspetoria, onde me exibiu uma caixa, da qual não sei com que artimanha conseguiu apoderar-se. Ela estava marcada: “N. 3 — Fundação Brasil Central — 20 granadas de mão. Peso...” e continha granadas de mão e bombas de gaz, conforme eu mesmo pude testemunhar. De volta, em minha casa, sentei-me e escrevi ao senhor ministro João Alberto. Tão curto quanto possivel, citei os três fatos acima descritos e declarei que *“por uma vida de 40 anos em prol dos índios brasileiros, me achava incompatibilizado de colaborar com qualquer empresa que deixasse margem para semelhantes práticas; que, nestas condições, me seria impossível trabalhar pela F.B.C. com tamanha dedicação como considerava indispensável para a obtenção de resultados satisfatorios; que lhe devolvia, por isto, sob a mesma capa com que recebera, o contrato firmado por ele, Museu Nacional, e por mim, com o pedido de me desligar de todas as obrigações com a F.B.C., e que iria comunicar ao mesmo tempo esta minha deliberação à direção do Museu Nacional. Mais tarde encontrei-me com Artur Neiva em Manaus, e que me pediu muito para anular a minha decisão, o que lhe neguei redondamente... Esta historia o senhor pode oportunamente levar ao conhecimento do general Rondon, se, por acaso, D. Heloisa Alberto Torres, diretora do Museu, não o tenha já feito. Bem, agora nada mais sei, por enquanto. Escreva-me oportunamente para Belem. Como vão os seus trabalhos? Ainda não tem possibilidade de elaborar a sua monografia sobre os Umutina ou voltar para o trabalho de campo? Com as melhores saudações, seu (a.) Curt Nimuendaju”.*

7 dez. 1945  
(3 dias antes de sua morte) 245

92

1945 CARTA SOBRE A EXPEDIÇÃO ARMADA CONTRA OS ÍNDIOS PARAKANÁ, dirigida a Harald Schultz, datada de 7 de dezembro de 1945, denunciando violências contra aqueles índios por parte da Fundação Brasil Central. O original, em alemão, foi traduzido e comunicado ao Conselho Nacional de Proteção aos Índios e publicada em *O Globo*, (24.1.1946), p. 11, sob o título: "Expedição armada contra os índios!"

## FONTES

1911 O TUM DA TRIBO OTI, em: E. Schultz, *Os Índios do Brasil*, Rio de Janeiro, M. S. VII (1934), pp. 115-116. Originalmente publicado em alemão nos *Zeitschrift für Ethnologie*, em 1911.

1912 CARTA SOBRE A PACIFICAÇÃO DOS COCÓIADOS, em: *Revista de Antropologia*, Rio de Janeiro, M. S. VII (1934), pp. 115-116. Originalmente publicada em alemão em 1912.

1913 OS ÍNDIOS PARIVINTIN DO RIO MADEIRA, em: *Revista de Antropologia*, M. S. VII (1934), pp. 115-116.

1914 AS TRIBOS DO ALTO MADEIRA, em: *Revista de Antropologia*, M. S. VII (1934), pp. 115-116.

1915 RECONHECIMENTO DOS TIPOS DE ANA, ATARI E UATIERI, em: *Revista de Antropologia*, M. S. VII (1934), pp. 115-116.

1916 RECONHECIMENTO DOS TIPOS DE ANA, ATARI E UATIERI, em: *Revista de Antropologia*, M. S. VII (1934), pp. 115-116.

1917 OS ÍNDIOS TUNIA, *Revista de Antropologia*, M. S. VII (1934), pp. 115-116.

1918 TRIBO MACHACAY, *Revista de Antropologia*, M. S. VII (1934), pp. 115-116.

1919 OS COCÓIADOS, *Revista de Antropologia*, M. S. VII (1934), pp. 115-116.

1920 OS ÍNDIOS DO ALTO MADEIRA, *Revista de Antropologia*, M. S. VII (1934), pp. 115-116.